

## LITERATURA INFANTIL - "INTRODUÇÃO AO TEMA"

*Zina M. Bellodi da SILVA\**

Em primeiro lugar poderia perguntar o que entendo por linguagem e por libertação. Poderia refletir sobre o que esses dois termos justapostos (linguagem-libertação), e não com aditiva como constou do programa deste ano, têm a ver com literatura infantil. Poderia, seguramente, descobrir que a escolha deste tema para nossos colóquios não foi casual - mas muito pesada, refletida e se permanece é porque tem sua razão de ser, muito mais forte do que se possa imaginar à primeira vista. Há muitas pessoas preocupadas com isso, pelo menos alguns linguistas, psicanalistas, teóricos da literatura, tradutores, filósofos - a filosofia, na verdade, se encaminha através da reflexão sobre a linguagem.

---

\* Docente da Programa de Pós-Graduação

Não sei se conseguiremos esgotar o alcance destes dois termos, algum dia, porque são muito significativos, inesgotáveis como todo conceito dotado de profundidade e significação para o homem e podem revelar aspectos novos e permitem sem um processo de reflexão.

De um lado é o óbvio - dispensaria a reflexão. Por outro lado, quando se omite a reflexão corre-se o risco de obliterar a relação que o conceito linguagem-libertação traz em si. Como exemplo, poderia falar que **forma e conteúdo** são inseparáveis - isso é o óbvio. No entanto toda vez que se reflete sobre o literário chega-se à forma e conteúdo porque é uma questão de essência. Linguagem-libertação também é uma questão de essência. Sempre se esbarra nisso e é bom que assim seja para não se correr o risco de achar que não há problema. Linguagem pode promover libertação, mas há outro dado importante - pode provocar opressão. Isso tudo merece reflexão porque traz implícito a humanidade do homem.

E o que essa preocupação tem a ver com a introdução que devo fazer aos trabalhos aqui apresentados? Aparentemente nada. Na realidade, muito.

Por força de circunstâncias (felizes, di

ria), Magaly e eu assumimos um curso de Literatura Infantil que o Prof. Dante Tringali ministrava na área de Didática desta casa. Quando a disciplina desapareceu do currículo de Pedagogia, ficou muito claro que o de Letras era falho (e continua sendo em nossa escola) porque não havia (e não há) nada voltado para essa área.

Partimos da estaca zero. Começamos, repentinamente, a recolher bibliografia, adquirir um ou outro livro, ler os textos literários e conseguimos, em alguns poucos anos, sair do estado de absoluta ignorância do assunto e passamos para uma iniciação nele. Houve acréscimos - pessoas chegaram, além dos granduandos, interessadas na nossa iniciação. E com isso nos libertamos de um estado de completo desconhecimento e passamos a nos preocupar com essa linguagem - a da literatura infantil, de uma maneira específica, com reflexão teórica e preocupação com a parte prática. Esse trabalho tem rendido algum resultado que não cabe agora discutir.

Hoje somos um pequeno grupo interessado, estudioso, que pretende fincar pé na terra da literatura voltada para a criança, sobretudo porque temos consciência de que a penetração no literário é um episódio importante na vida da criança

e do jovem. Sem enveredarmos para o fascinante mundo dos estudos psicanalíticos, podemos compreender a poderosa contribuição do texto literário para a realização do homem em sua humanidade. Basta voltarmos para o texto de Antonio Cândido (3,4) no qual ele amplia a discussão da função humanizadora da literatura acentuando o direito que todos temos ao convívio com o literário e com a arte. Creio que numa sociedade justa (ou que tenda a ser justa) a pessoa humana terá direito ao trabalho (e não o dever que, numa certa interpretação, implica sofrimento) e direito ao convívio com a literatura e a arte em geral, o que completará o homem como homem e contribuirá para libertá-lo de suas amarras que o impedem de desenvolver-se de tal modo que o leve à completude. Uma sociedade não voltada para a arte será sempre menor, em tudo.

A escola tem muito a ver com tudo isso.

Há uma frase latina de todos conhecida: "Non scholae, sed vitae discimur", que significa "Não aprendemos para a escola, mas para a vida". Segundo Paulo Rónai, autor de *Não Perca seu latim* (2) e *Dicionário Universal de Citações* (1, p. 63), entre outros, esta frase é "derivada de um texto de Sêneca (*Epístolas*, 44,2), que es

creveu na verdade "Non vitae, sed scholae discimus", "não estudamos para a vida, e sim para a escola", criticando a instrução de seu tempo; sob a forma geralmente usada, a frase constitui não já uma crítica, mas um preceito." (2, p. 122)

Pela frase, tal como Sêneca a formulou, pode-se perceber que a má qualidade da escola não é um assunto de nossos dias; entretanto somos levados a crer que a escola de ontem era melhor do que a de hoje\*. De fato, não há nenhum segredo na inoperância de nossa instituição educacional, na dificuldade que a nossa escola enfrenta no que toca à qualidade do professor, às condições de ensino, à formação do professor, às condições de vida do aluno, entre outras. Estou absolutamente convencida de que é com essa realidade que precisamos trabalhar e que, se cada um de nós, que milita na área de educação, fizer a parte que lhe toca, da melhor maneira que sabe ou pode

---

\* Aqui caberia uma longa discussão sobre a chamada "democratização do ensino" em nome da qual muitos "crimes" se cometem, mas o espaço não permite seu desenvolvimento.

de, será possível construir uma sociedade melhor para as crianças - se isso não ocorrer estar-se-á sonhando a contribuição que se pode dar ao aperfeiçoamento da espécie humana.

Quando se pensa em preparar para a vida pensa-se em preparar para o trabalho. O trabalho precisa de ser entendido de uma maneira criativa, que supere a simplicidade do episódio bíblico interpretado ao pé da letra\*. O trabalho precisa de ser visto como um benefício e não uma punição. E o que isso tem a ver com a escola e a literatura? A aprendizagem (que se processa, num certo nível, na escola) é um longo processo de trabalho e superação de obstáculos. A aprendizagem tem de conciliar o obstáculo (a dificuldade) a ser vencido com o crescimento - é necessário

---

\* Refiro-me especialmente a "ganhar o pão com o suor de seu rosto" em consequência (e como castigo) pela desobediência do homem. Haveria de ter uma reinterpretação do sentido do trabalho que o encarasse como um benefício, porque ele permite o re-encontro do homem com algo superior, ou ele mesmo ou Deus, para acompanhar o raciocínio que superficialmente o episódio bíblico sugere.

entender a aprendizagem como algo que leva ao crescimento. Ao mesmo tempo, vencer obstáculo é oportunidade de proporcionar prazer - é isso que, substancialmente, a aprendizagem deve significar para o ser humano. Toda experiência que leve à aprendizagem é prazerosa - aprender é uma forma de prazer.

Não creio que exista uma forma mais fácil e completa para conseguir esta associação do que o emprego da literatura no processo educacional. Nós precisamos deixar preconceitos de lado - refiro-me, por exemplo, à opinião de que a literatura não deve ser pretexto para outra coisa se não ela mesma. É preciso que se volte para a compreensão de um dos mais importantes produtos do homem que pode satisfazer a uma de suas necessidades básicas - refiro-me à literatura e à necessidade da experiência estética, que não se pode, em sã consciência, ignorar. A expressão artística é essencial ao homem; queiramos ou não, ela responde a vários anseios do homem, admitamos ou não, ela satisfaz, por exemplo, a necessidade de eternizar-se, isto é, fugir à fugacidade da vida. O homem tem o sonho da eternidade, um sonho que é para ele um verdadeiro tormento.

A literatura (a arte em geral) consegue

dar-lhe uma dimensão de permanência. Morrem os homens que sentiram, fizeram, agiram, pensaram, mas fica o sentimento, a ação, o pensamento na expressão literária. Um exemplo mais simples é o seguinte: a beleza é fugaz. A beleza de um corpo humano, ou de uma planta, é fugaz, mas como motivo da pintura ou da literatura é algo que permanece, e isso satisfaz anseios com os quais o homem nem sempre lida conscientemente. A vida que é tão breve, tão fugaz, perdura na arte.

Aparentemente me perdi na introdução, pois estou falando em **aprendizagem, trabalho, satisfação de anseios do homem**, e agora vou acrescentar **experiência lúdica**. Aparentemente literatura não teria nada a ver com trabalho, porque trabalho é uma coisa concreta e literatura é ficção, em geral, entendida como oposta à realidade. Se se parar para pensar um pouco, a ficção não está tão longe da realidade, até a existência do bicho-papão ou do saci, não é uma coisa tão irreal, é na verdade, uma realidade palpável e uma necessidade para o ser humano. O mito apareceu porque respondeu a uma necessidade do homem - não é uma criação sem ter nada a ver com a realidade concreta do dia-a-dia. Mais ainda, sem essa ficção, a realidade não existe. Essa ficção é

tão real quanto a alimentação, ambas respondem a necessidades do homem e correspondem a uma base emocional que é de importância maior para o seu desenvolvimento material. O homem vive de projeções interiores que lhe ditam comportamentos, atitudes, decisões.

Poderá parecer contraditório afirmar que o contato com a literatura é ao mesmo tempo o contato com o trabalho e que a experiência com o literário é uma experiência lúdica - acontece que é assim e assim tem de ser. O contato da criança com a literatura tem de ser, substancialmente, uma experiência lúdica. Parecerá, também, estranho afirmar que o contato com a literatura poderá transformar a relação do homem com o trabalho. Acontece que o homem precisa redescobrir o trabalho e entendê-lo de maneira adequada. É preciso fazer isso através de um processo que pode começar pela segunda vez na escola (a primeira vez seria, ou deveria ser, na família). A escola deve sentir-se responsável pela formulação de um conceito de trabalho como complemento do homem e não como uma obrigação dolorosa para saldar uma dívida herdada pelo homem por um ato irrefletido, o de ter assumido a sua humanidade. Nós, que lidamos com literatura, temos talvez a

chance maior de conseguir isso através do uso sistemático da literatura em sala de aula - de uma experiência lúdica passamos para uma relação sadia do homem com o trabalho sem perceber, de maneira agradável. (Basta lembrar que uma pequena história que se conta às crinaças pode fazê-las trabalhar com seus sonhos, seus problemas, seus conflitos, por exemplo. Esse trabalho que a literatura permite desenvolver de maneira lúdica - ela promove o entretenimento - pode levar a resultados incomensuráveis em termos de desenvolvimento e aperfeiçoamento do ser humano.

O que vamos mostrar aqui é um pouco de nossa preocupação com tudo isso. Nós estudamos os teóricos, nós lemos o literário, nós refletimos a partir dos dois, porque entendemos que isso poderá auxiliar nossa atividade didática na medida em que temos a esperança de consciente ou inconscientemente transmitir aos outros (e entre os outros devem estar nossos alunos) o amor e o respeito à literatura como uma das maiores instituições humanas, aquela capaz de transformar o homem, humanizando-o, sem ter sido produzida especificamente para isso e mais, só conseguindo desempenhar esta função quando não feita especificamente para isso. (A Universidade tem muito

a ver com esse processo todo na medida em que ela deve promover a formação das pessoas que vão desempenhar, entre outras, uma tarefa determinada: o ensino).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. RÓNAI, P. *Dicionário universal de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
2. RÓNAI, P., FERREIRA, A.B. de H. *Não perca seu latim*. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
3. SOUSA, A.C. de M. e et al. *Direitos humanos e literatura*. In: *Direitos humanos E*. São Paulo: Brasiliense, 1989.